



## DESAFIOS E PERSPECTIVAS DA EDUCAÇÃO AMBIENTAL NO ENSINO FUNDAMENTAL E NA CONTEMPORANEIDADE POLÍTICA<sup>1</sup>

### CHALLENGES AND PERSPECTIVES OF ENVIRONMENTAL EDUCATION IN ELEMENTARY EDUCATION AND POLITICAL CONTEMPORARY

**kely Terezinha Pinto França** - Prefeitura Municipal de Brumadinho- Brumadinho – Minas  
Gerais – Brasil  
[kelyterezinha@yahoo.com.br](mailto:kelyterezinha@yahoo.com.br)

#### RESUMO

Este artigo se propõe a abordar os desafios e perspectivas da educação ambiental nos anos iniciais do ensino fundamental. Parte-se do princípio que a educação ambiental é fundamental para a manutenção do meio ambiente, bem como para a conservação da vida humana, ainda que o homem pareça não se preocupar com a natureza na contemporaneidade. Por educação ambiental, entende-se o processo de ensino-aprendizagem que forma cidadãos conscientes sobre as questões ambientais e os prepara para uma ação transformadora que visa tornar viável o desenvolvimento socioeconômico em sintonia com a preservação da natureza. Diante disso, é imprescindível que os professores invistam em formação continuada, para que possam construir valores ambientais em sala de aula, possibilitando debates com seus alunos. Nesse segmento, este artigo apresenta como objetivos compreender alguns conceitos sobre a educação ambiental e abordar os investimentos dos educadores em formação continuada nessa área. Para tanto, envolve uma pesquisa bibliográfica realizada em bases de dados como *SciELO*, *LibGen*, *Google Scholar* e outros portais.

**Palavras-chave:** Educação ambiental. Formação continuada em educação ambiental. Ensino sobre o meio ambiente. Temas transversais em educação.

#### ABSTRACT

This article aims to address the challenges and perspectives of environmental education in the early years of primary school. It is based on the principle that environmental education is essential for the maintenance of the environment, as well as for the conservation of human life, although the human being do not seem to care about nature in contemporary times. Environmental education is understood to be the teaching-learning process that educates citizens aware of environmental problems and prepares them for a transformative action that aims to enable socioeconomic development in harmony with nature conservation. For this reason, it is essential that teachers invest in continuous training, so that they can transmit environmental values in the classroom, enabling discussions with their students. Next, this article intends to understand some concepts about environmental education and to address educators' investments in continuing education in this area. For that, it implies a bibliographic search carried out in databases such as *SciELO*, *LibGen*, *Google Scholar* and other portals.

---

<sup>1</sup> Pesquisa concluída no curso de Pós-graduação em Educação Infantil e Libras.

---

**Keywords:** Environmental education. Continuing education in environmental education. Teaching about the environment. Cross-cutting themes in education.

---

## INTRODUÇÃO

A escolha por investigar os desafios e perspectivas da educação ambiental nos anos iniciais do ensino fundamental parte de inquietações internas por trabalhar com educação há 26 anos que nos levam a questionar como pode a humanidade não se preocupar com o mundo em que vive, recusando-se a preservá-lo. Não faz o menor sentido que estejamos testemunhando a destruição de nosso próprio lar (BRIGGS, 2020). Como adverte a Organização das Nações Unidas (ONU), essa é uma atitude “suicida”, pois, sem a ajuda da natureza, não podemos prosperar, muito menos sobreviver (WELLE, 2021).

Ainda que hoje possamos não dar tanta importância para as gerações futuras (BARBOSA *et al.*, 2013; CÓRDULA; NASCIMENTO, 2014), é imprescindível conservarmos o meio ambiente pelo bem da nossa própria geração, pois é dele que tiramos os recursos necessários para a subsistência. É tendo isso em vista, e considerando que a educação exerce papel preponderante na manutenção do mundo (ARENDR, 1957/2014), que somos levados a questionar: não são os educadores aqueles que podem ter alguma chance de mudar o curso das coisas, a partir do resgate e da construção de valores ambientais?

É notório que as questões ambientais não estão em primeiro plano em nosso país (MONTENEGRO, 2020; TUFFANI, 2020). Ora, vivemos em uma nação cheia de desigualdades, onde tudo gira em torno do capitalismo e das roupagens que esse assume no contemporâneo. O consumismo, por exemplo, leva as pessoas a usufruir das matérias-primas sem que reflitam sobre quanto isso afeta a natureza (ZANIRATO; ROTONDARO, 2016).

Nesse sentido, a proposta deste artigo é produzir reflexões sobre a postura do educador em relação às questões ambientais. Como a construção do conhecimento na educação ambiental nos primeiros anos do ensino fundamental pode contribuir para uma nova atitude humana com o meio ambiente? Em vista disso, este trabalho

---

pretende colaborar para que professores e pedagogos, entre outros profissionais envolvidos com a educação, elaborem e discutam estratégias que despertem nos alunos um interesse em cuidar do mundo que os cerca.

Assim sendo, este artigo tem como objetivos compreender alguns conceitos sobre a educação ambiental e abordar os investimentos dos educadores em formação continuada nessa área. Para atingi-los, realizamos uma pesquisa bibliográfica em bases de dados como *SciELO*, *LibGen* e *Google Scholar*, e outros portais, baseando-se em descritores tais como *educação ambiental*, *formação continuada em educação ambiental* e *ensino sobre meio ambiente*. A pesquisa bibliográfica, vale dizer, é aquela que consiste em um levantamento de informações contidas em livros, artigos e outros documentos e publicações e tem como propósito formar um conhecimento sobre o assunto investigado (MACEDO, 1996).

A educação ambiental tem como finalidade levar as pessoas à reflexão sobre seus atos em relação ao meio ambiente e mostrar a importância dos cuidados com a natureza. Para Schäfer *et al.*, citado por Pezzi (2010), trata-se de um processo participativo, mediado pelo educador, em que o aluno assume lugar central na aprendizagem pretendida, participando ativamente das reflexões sobre os problemas ambientais e da busca por soluções para eles, sendo preparado para se tornar um agente transformador do meio ambiente, mediante uma conduta ética condizente com o exercício da cidadania. Dito de outra maneira, a educação ambiental é o processo que forma cidadãos conscientes sobre as questões ambientais e os prepara para uma ação transformadora que visa tornar viável o desenvolvimento socioeconômico em sintonia com a preservação da natureza.

É fato que a escola e a educação ambiental ainda não estão interligadas, uma vez que não existem ações e medidas efetivas que gerem reflexões significativas aos discentes (PINHO, 2014). Para demonstrar que os estudantes devem ter contato com as discussões acerca do meio ambiente, Segura (2001) parte do princípio de que é necessário que as pessoas entendam o que é educação ambiental. Infelizmente, não há muitas publicações que a conceituem corretamente e façam as pessoas compreenderem que, quando tratamos de educação ambiental, estamos falando de

---

consciência. Ora, ambiente é todo o lugar em que estamos inseridos — a escola, a casa, a cidade etc. —, incluindo ambientes não necessariamente “físicos”, como o ar e a água (SOUZA *et al.*, 2016). Levando isso em consideração, é fundamental que o ser humano entenda seu pertencimento ao ambiente para que, assim, perceba a importância de cuidar, amar e preservar, partindo para o princípio da conscientização e fazendo com que as questões ambientais passem a ser importantes e significativas. Todavia, para conscientizarmos alguém, é preciso conhecer a fundo aquilo de se fala. Será que todos os educadores efetivamente contribuem para as reflexões acerca da educação ambiental?

Bonotto (2008) cita o papel transformador do professor, que, de seu ponto de vista, é uma das figuras mais influentes para as novas gerações. Não à toa, para ela, o professor deve se aperfeiçoar através de investimentos em sua formação e por meio de políticas públicas que o valorizem, estimulem e conscientizem acerca da importância do meio ambiente. Pensar nas próximas gerações nos enche de esperança, e, por isso, devemos acreditar e a cada dia compreender que a salvação virá de uma geração vindoura. Sendo assim, faz-se extremamente necessário um trabalho transdisciplinar, no qual todas as estruturas escolares devem ser organizadas propondo condições para execução de um bom trabalho, plantando a cada dia a ideia de cuidados com o meio que nos cerca e no qual vivemos. É essa discussão que buscamos levantar neste artigo.

## **REFERENCIAL TEÓRICO**

Apesar de estar neste mundo há milhares de anos, o ser humano não aprendeu a se relacionar de maneira harmoniosa com a natureza. A ideia de superioridade em relação ao ambiente que o rodeia faz com que ele tenha a impressão de apoderamento, e não de pertencimento (QUINTAS, 2004). Talvez isso esteja ligado ao fato de que, desde muito, o homem aprendeu a manipular o meio a seu favor, diferindo de outros animais. É essa ideia, aliás, que está embutida no conceito de trabalho: o apoderamento do homem sobre a natureza e a transformação dessa para sua sobrevivência (CABRAL, 2019).

Sabemos que as ações humanas têm deixado grandes marcas e definido a crise

---

ambiental pela qual estamos passando. A forma como o homem retira da natureza insumos para a produção de instrumentos favoráveis à sua existência tem provocado inúmeras consequências à vida do planeta (PINOTTI, 2010). O que temos visto no decorrer dos anos mais recentes é um tremendo desrespeito, que passa inclusive uma imagem de que não fazemos parte do meio ambiente.

É nesse contexto preocupante que aparece a educação ambiental. Ela, segundo Reigota (2009), tem a tarefa de “[...] favorecer e estimular possibilidades de se estabelecer coletivamente uma ‘nova aliança’ [...] que possibilite a todas as espécies biológicas a sua convivência e sobrevivência com dignidade” (p. 14). Trata-se de um processo de ensino-aprendizagem cujo propósito é a reconciliação do homem com o meio em que vive, a partir de uma mudança de postura com a natureza.

A educação ambiental, assim como a educação de maneira geral, é algo que deve ser trabalhado com as crianças desde muito cedo. Conforme Arendt (1957/2014), a educação é um processo dirigido exclusivamente às crianças, seres estes *em devir*, em construção. É nelas que se pode injetar perspectivas de conservação da civilização, incluindo perspectivas de preservação ambiental. Isso ocorre, como explica Freud (1900/2001), porque é na infância que o caráter do indivíduo está sendo construído, a partir da absorção de traços das impressões de experiências dessa fase da vida pela memória, de maneira inconsciente. Soma-se a isso o fato de que, de acordo com Piaget, citado por Vigotsky (1989), é na vida escolar do infante que o desenvolvimento alcançará sua maturidade. Contudo, não se pode perder de vista que o que é construído, para que seja absorvido, precisa fazer algum sentido — ou ter algum significado — para o sujeito-alvo da construção de conhecimento - teorias do desenvolvimento (VIGOTSKY, 1989).

Vigotski (1988), defende que as situações que emergem no cotidiano precisam ter significados e sentidos para os alunos, para que haja a apropriação de conhecimentos historicamente construídos e, com eles, a compreensão e superação dos problemas em questão. Neste sentido, esta teoria tem implicações importantes no processo de instrução: o professor deve proporcionar aos alunos a oportunidade de aumentarem as suas competências e conhecimento, partindo daquilo que eles já sabem,

---

levando-os a interagir com outros alunos em processos de aprendizagem cooperativa onde o objeto de estudo faça sentido. Se torna, então, imprescindível conhecer a percepção ambiental dos alunos para que o professor possa fazer essa mediação entre os conhecimentos cotidianos e científicos.

Muitos teóricos têm pensado a educação como um processo capaz de gerar mudanças na vida social. Embora a tarefa da educação seja cultivar a tradição e perpetuar a cultura de nossa espécie (ARENDE, 1957/2014), não se pode negar que o discurso hegemônico sempre favoreceu uma classe em detrimento de outra. É por isso que Freire (2005) fundamenta uma pedagogia na procura constante pela formação crítica do sujeito em busca da transformação do *status quo*. Nessa mesma linha de pensamento, encontramos Marx (1963), o qual acreditava que a sociedade poderia ser mais justa e igualitária. Ainda que estivessem se referindo à problemática da luta de classes, podemos estender os apontamentos desses pensadores para as questões ambientais, que, sem dúvida, guardam relação com os modos de produção que definem a posição social dos indivíduos.

Os aspectos educativos precisam pensar em uma prática pedagógica contextualizada e crítica, para que suas ações sejam realmente efetivas na formação dos discentes. Contextualizar criticamente a temática ambiental significa articulá-la a realidade dos alunos e às diferentes dimensões que a compõe, como a social e a cultural, mediante a interação professor-aluno, para que o conteúdo possa ser compreendido, interpretado e vivenciado pelos agentes participantes do processo de ensino e aprendizagem (MORAIS et al., 2004).

### **Tecnologia, Consumo e Degradação do Meio Ambiente**

Contrariando a expectativa que lhe foi depositada, de aproximar e unir os povos, a globalização tem tornado a humanidade cada vez mais individualista. Diante da recusa de relações interpessoais mais profundas, o homem tem se engajado sobretudo com objetos, tornando nossa sociedade a *sociedade de consumo* (BAUDRILLARD, 1970/1995). O consumo excessivo vem produzindo diversos impactos ambientais no decorrer dos anos. Um deles é a produção elevada de resíduos. Ocorre que, quanto mais o homem

---

consome, mais restos do consumo ele produz. As pesquisas mais recentes apontam para a produção mundial de cerca de 2 milhões de toneladas por dia e 730 milhões de toneladas por ano (WEB-RESOL, 2014). Pela falta de gerenciamento adequado, esses resíduos podem ser a causa de uma série de problemas, como a poluição do cenário urbano, os danos à saúde devido à proliferação de agentes transmissores de doenças, a contaminação do ar atmosférico, o assoreamento de rios e o entupimento de bueiros (NOGUEIRA; MANSANO, 2016).

Para além disso, o consumo desregrado leva ao desgaste de recursos ambientais. O pensamento capitalista gera uma ansiedade insaciável no ser humano, e este anseio toma conta de todas as gerações, levando-as a consumir sem pensar na renovação dos recursos (ZANIRATO; ROTONDARO, 2016). Dar conta de tantos anseios, então, se torna uma missão impossível.

Não se pode perder de vista que a tecnologia, que deveria ser aliada do ser humano, se deixou levar pelo egocentrismo. Como o homem não consegue conter os avanços tecnológicos, ele se tornou escravo dela. Assistimos, assim, a uma dependência de sistemas e máquinas, os quais são trocados constantemente por mero modismo, gerando resíduos e explorando matéria-prima (FORTI, 2019).

Sem nos darmos conta, nossas atitudes afetam o ambiente que nos possibilita a vida todos os dias. Devemos encontrar um equilíbrio para viver com conforto, sem que, para isso, tenhamos que sacrificar nosso planeta. É difícil entender como o ser humano, que é provido de razão e discernimento, ao mesmo tempo é capaz de ser tão egoísta e ignorante, a ponto de destruir sua própria casa. Não queremos aqui menosprezar ou desmerecer as conquistas que a ciência trouxe com seus avanços tecnológicos; queremos dar ênfase à falta de controle do ser humano e à dependência excessiva desses avanços, questões que para serem solucionadas parecem exigir uma formação humana que leve em consideração o todo e que parta do princípio de que, embora os recursos naturais pareçam infinitos, a realidade tem apontado para sua escassez a curto, médio e longo prazo. É no bojo dessa reflexão que se insere a educação ambiental.

### **A Legislação sobre Educação Ambiental**

---

No que se refere à educação ambiental, o Brasil conta com a Lei n. 9.795, de 27 de abril de 1999, que discorre sobre a Política Nacional de Educação Ambiental. Para compreendê-la, vejamos alguns trechos de seus artigos. No capítulo I, o artigo 1.º postula que o que se entende por educação ambiental são:

[...] os processos por meio dos quais o indivíduo e a coletividade constroem valores sociais, conhecimentos, habilidades, atitudes e competências voltadas para a conservação do meio ambiente, bem de uso comum do povo, essencial à sadia qualidade de vida e sua sustentabilidade. (BRASIL, 1999/2015, p. 24)

Ao nos depararmos com essa afirmação, é possível observar o quanto o ser humano dá pouca importância ao meio ambiente. Os valores sociais supracitados não estão presentes na vida cotidiana das pessoas. A todo momento, as pessoas jogam lixo no chão, lavam calçadas com água potável, fazem queimadas para eliminar o lixo de seus quintais, soltam balões, demoram horas no banho etc. Essas são atitudes corriqueiras que demonstram o despreparo e o descaso com o meio ambiente.

A Constituição Brasileira de 1988 dispõe, no artigo 225, que o Poder Público deve “[...] promover a Educação Ambiental em todos os níveis de ensino e a conscientização pública para a preservação do meio ambiente” (BRASIL, 1988/2008, p. 131). Precisamos criar mecanismos e projetos que tenham objetivos claros de perspectivas de mudanças para esta geração, preparando, assim, as futuras gerações. É nelas que reside a esperança de um futuro melhor. Mas ainda há um problema a ser solucionado: como o professor, que seria o canal para essa formação, pode conscientizar seus alunos, sendo que ele também muitas vezes não compreende a importância do meio ambiente que o rodeia? A resposta pode ser encontrada na própria Política Nacional de Educação Ambiental. Nela, consta que os professores devem receber formação complementar em sua área de atuação, de modo a atender adequadamente ao cumprimento dos princípios e objetivos da Lei n. 9.795 (BRASIL, 1999/2015).

Apesar disso, sabemos que, de fato, as coisas não acontecem como deveriam. Fazer valer o que está colocado na política é um grande desafio. Nesse sentido, quando o poder público investirá nessa formação? Quando algum governante observará, investirá e gerenciará medidas que priorizem o meio ambiente? Essas são perguntas

---

ainda sem respostas. Vivemos em um país em que a corrupção está impregnada na cultura. Além disso, falta amor ao próximo, acesso à informação e educação de qualidade. Nesse segmento, é desafiador fazer a população entender, amar e cuidar do meio ambiente.

Acreditamos que a falta de conscientização seja um dos aspectos determinantes para a degradação do meio ambiente, pois o Brasil é rico em recursos naturais. A falta de conscientização faz com que os brasileiros não saibam gerir todos esses recursos, e, nesse sentido, pode-se dizer que, um dia, eles poderão se esgotar, impedindo a descendência de nossa espécie.

### **A Formação de Professores para a Educação Ambiental**

Quando se fala em educação ambiental, estamos tratando de conteúdos e aprendizagens que precisam ser construídas de modo que os indivíduos se tornem agentes da preservação do meio ambiente, pensando em estratégias que possibilitem a sustentabilidade, isto é, o desenvolvimento econômico em sintonia com a conservação da natureza. Trata-se de todos os esforços voltados ao debate dos aspectos que envolvem o meio em que vivemos.

Não se pode falar de valores sem considerar que o professor é um dos profissionais que criam as possibilidades para a produção ou construção deste conhecimento. Conforme Arendt (1957/2014), se em casa a criança se prepara para o mundo, a escola dá continuidade à formação do indivíduo, preparando-os para ouvir as vozes que já existem, espécie de escuta sensível, pedagogia da escuta ou escuta ativa. É por isso que, apesar de a criança ter um lugar central na própria formação, é importante considerar o papel do professor nesse processo. Nesse sentido, considerando a novidade da educação ambiental, é preciso preparar esse educador para fazer uma proposta inovadora com seus alunos (NÓVOA, 1992).

Não há como negar o papel transformador do professor em sala de aula. Nesse segmento, para que os conceitos de educação ambiental sejam algo real em suas discussões, faz-se necessário que existam programas e formações continuadas que invistam na formação do professor. Se falamos de formações continuadas, entramos na

---

questão dos investimentos na área da educação. É para isso que devem se atentar nossos governantes, embora não seja uma tarefa fácil. Conforme Milaré (2011):

Todo processo educacional, em tese, deve preparar o indivíduo para viver em sociedade ou, melhor dizendo, para participar da vida da sociedade, contribuindo para que esta alcance os seus objetivos maiores. Não há como ignorar o papel da Educação Ambiental nesse contexto, eis que ela está voltada para a preservação e o incremento de um bem. (p. 166)

Preparar o indivíduo para viver em sociedade não é uma tarefa muito fácil. Para que isso ocorra, faz-se necessário que todos os envolvidos no processo educativo tenham noção da responsabilidade que têm em suas mãos. Arendt (1957/2014) afirma que educar é o ponto em que se decide se ama de fato o mundo para assumir a responsabilidade por ele e, mais ainda, para salvá-lo da ruína que seria inevitável pela chegada do novo. Nesse sentido, a preparação do indivíduo envolve muito mais do que construir conteúdos e habilidades didáticos; ela carece que o educando internalize a importância dos valores, pois só assim os aprenderá e os levará pela vida toda.

Quando falamos de educação ambiental, não é diferente. O professor precisa prescindir de superficialidades que costumeiramente se observa no ambiente escolar, como a discussão sobre temas importantes para o meio ambiente apenas em datas comemorativas. É preciso ter projetos que, na realidade diária, retratem e evidenciem a importância do meio ambiente para nossa sobrevivência, buscando extrair a realidade de cada comunidade e também encontrar, no decorrer do desenvolvimento dos projetos, soluções alternativas para minimizar os danos sofridos pelo meio ambiente. Garcia (2000) considera que a interdisciplinaridade é um “[...] modo de se trabalhar o conhecimento buscando uma reintegração de aspectos que ficaram isolados uns dos outros pelo tratamento disciplinar” (p. 59).

No Brasil, a Base Nacional Comum Curricular incentiva que temas importantes para nossa cultura sejam trabalhados ao longo do ano letivo, de maneira transversal, demonstrando a relevância de todas as disciplinas em seu tratamento (MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO, 2018). Entre os temas transversais, talvez seja possível inserir o meio ambiente, tornando a educação ambiental não o escopo de uma disciplina, mas perpassando todas as disciplinas tradicionais. Faz-se necessário, portanto, que cada vez

---

mais o professor entenda que a educação ambiental deve ser trabalhada constantemente, “interdisciplinarizando” o tema em todas as matérias, tornando-o transversal.

Inúmeras são as barreiras enfrentadas ao tentar inserir a educação ambiental dentro de suas aulas. Falta de domínio sobre o tema, pouca ou nenhuma estrutura escolar, como aulas de campo, inexistência de formação acadêmica e excesso de conteúdo são alguns dos obstáculos que afastam cada vez mais o tema da rotina escolar (MACHADO; TERAN, 2018). A educação ambiental, de nosso ponto de vista, está longe de ser uma prática contínua nas escolas.

Mesmo com todos estes desafios os professores exercem o importante papel de ser o mediador das questões ambientais pois estão diretamente ligados a estes alunos, é imprescindível que se proponham formações mais consistentes e maduras para que possam desenvolver um trabalho de qualidade com seus alunos, e que estejam preparados e dispostos a ir à busca de conhecimentos e informações. De acordo com Rodrigues (2021), este é o objetivo central, desenvolver neles uma postura crítica diante da realidade ambiental e de construir uma consciência global das questões relativas ao meio ambiente para que possam assumir posições relacionadas com os valores referentes à sua proteção e melhoria da qualidade de vida.

É importante que a escola priorize, mais do que informações e conceitos, o desenvolvimento de atitudes, com formação de valores e com mais ações práticas do que teóricas para que o aluno possa aprender a amar, respeitar e praticar ações voltadas à conservação ambiental de forma a pensar no bem coletivo.

### **Educação Ambiental e Formação Cidadã Crítica**

“Vivemos uma situação de emergência planetária, em que está clara a possibilidade de que a espécie humana concretize um processo de autodestruição, criando condições socioambientais insuportáveis a sua sobrevivência e de outras espécies na Terra” (TIRIBA, 2007). A humanidade experimentou a ruptura com a natureza a partir da Revolução Industrial, sendo levada a acreditar que o estilo de vida consumista e pautado no lucro era o modelo a ser seguido. Por isso, Tiriba (2007) diz

---

que “no passado, o objetivo da escola era ensinar às crianças os conhecimentos necessários à produção da sociedade urbana e industrial, hoje o desafio é educar na perspectiva de uma nova sociedade sustentável”.

Contrapondo-se a esse modelo, a educação ambiental surge tendo ao lado o adjetivo *crítico*, como uma forma de objetar à educação conservadora pautada no capitalismo. Conforme Guimarães, citado por Garrido e Meirelles (2014), a diferenciação entre educação ambiental e educação conservadora “[...] se manifesta em ações que buscam superar a crise ambiental em que vivemos usando a mesma lógica dominante que gerou a crise. Trata-se de uma EA guiada pelos mesmos paradigmas que resultaram na dicotomia sociedade natureza” (p. 674).

Dessa forma, é preciso ensinar a criança a ver o mundo com um olhar mais crítico sobre a sociedade e a natureza da qual ela faz parte. Assim, a educação ambiental se torna crítica, apoiada nos pensamentos de Marx (1963), na sua teoria de como a exploração e dominação capitalista pode influenciar a maneira de viver da sociedade e o modo que essa interage com a natureza. Garrido e Meirelles (2014) apontam que, para Marx, o ser humano é parte integrante da natureza. Esse teórico entendia que a natureza era como uma unidade complexa e dinâmica, não podendo ser separada do ser humano. Tiriba (2007) “afirma que esse modo de produção e reprodução na vida da sociedade contribuiu, e muito, para a ruptura da relação homem-natureza” (p. 673). Segundo Loureiro (2006), a educação para Marx é um produto, ao passo que também é produtora das relações sociais. Para Tiriba (2007), o encontro das ideias de Karl Marx e de Paulo Freire trazem uma “educação transformadora e emancipatória, que instrumentaliza o sujeito a exercer sua cidadania em busca dessa sociedade mais justa e igualitária” (p. 673).

Paulo Freire apresenta um pensamento pedagógico a partir da palavra grega *Paideia*, cujo significado é educar e civilizar. Ela traz, como processo educativo, uma perspectiva do holismo, cuja formação do indivíduo ocorre aliada aos aspectos culturais, econômicos, históricos e, principalmente, políticos, entre outros, que fazem parte da vida do sujeito (BRÜGGER *apud* TIRIBA, 2014). Freire considera os envolvidos na ação educativa como sujeitos. O ser humano é visto como o todo: como produto e produtor

---

da história, sem deixar de considerar as conquistas cognitivas, afetivas, das mudanças de valores e perspectivas de mundo (PERNAMBUCO; SILVA, 2006).

Para Garrido e Meirelles (2014), Paulo Freire e Marx comungam de pensamentos em relação ao ser humano. O primeiro é percebido pela importância dada ao diálogo. “Ambos consideravam o ser humano como um todo, constituído por todas as suas dimensões: cultural, social, política e econômica” (GARRIDO; MEIRELLES, 2014, p. 674). A visão tanto de Marx quanto de Freire era a de que o homem não estava desconectado da natureza, mas sim que fazia parte dela. Assim, outra semelhança entre os estudiosos é a defesa da coletividade, na contramão da individualidade dada pelo capitalismo, e o antropocentrismo, que necessita controlar a natureza para satisfazer as vontades humanas. Finalmente, a última afinidade entre Marx e Freire, segundo Garrido e Meirelles (2014), consiste na:

[...] busca da transformação da sociedade: ambos buscavam contribuir para a construção de uma nova sociedade, uma sociedade mais justa e equilibrada. Embora Marx e Freire não tenham se dedicado à EA especificamente, consideramos que suas ideias ajudam a compreender e contribuem para essa educação que chamamos de Ambiental. (GARRIDO; MEIRELLES, 2014, p. 674)

“A vertente crítica da EA surgiu a partir da década de 1980, e originou-se das pedagogias críticas e emancipatórias. Despontou com a forte característica dialética que permite acumular contribuições de outras teorias e correntes teóricas” (LOUREIRO *apud* GARRIDO; MEIRELLES, 2014, p. 674). Segundo Garrido e Meirelles (2014), a educação ambiental crítica é caracterizada “por uma prática social que compreende as questões ambientais vinculadas aos processos sociais na leitura de mundo. O ser humano se relaciona na natureza por mediações sociais que são construídas ao longo de sua história” (p. 675). Para Carvalho (2004), “o projeto político-pedagógico de uma Educação Ambiental Crítica seria o de contribuir para uma mudança de valores e atitudes, contribuindo para a formação de um *sujeito ecológico*”. Ela completa afirmando que:

[...] um tipo de “subjatividade orientada por sensibilidades solidárias com o meio social e Ambiental” um modelo para a formação de indivíduos e grupos sociais capazes de identificar, problematizar e agir em relação às questões

---

socioambientais, tendo como horizonte uma ética preocupada com a justiça ambiental (CARVALHO, 2004, p. 19).

De acordo com essa orientação, a educação não se reduz a uma intervenção centrada no indivíduo, nem mesmo se dirige apenas a coletivos abstratos. Na educação ambiental crítica, todos devem ter responsabilidade consigo mesmo, com o outro e com o mundo sem dicotomizar e/ou hierarquizar (CARVALHO, 2004). Sem ter a pretensão de resumir um projeto que vem sendo construído, a intenção aqui é disparar o diálogo, e por isso destacamos alguns tópicos que parecem ser oportunos à problemática da educação ambiental:

- Promover a compreensão dos problemas socioambientais em suas múltiplas dimensões: geográficas, históricas, biológicas, sociais e subjetivas; considerando o ambiente como o conjunto das interrelações que se estabelecem entre o mundo natural e o mundo social, mediado por saberes locais e tradicionais, além dos saberes científicos;
- Contribuir para a transformação dos atuais padrões de uso e distribuição dos bens ambientais em direção a formas mais sustentáveis, justas e solidárias de vida e de relação com a natureza;
- Formar uma atitude ecológica dotada de sensibilidades estéticas, éticas e políticas sensíveis à identificação dos problemas e conflitos que afetam o ambiente em que vivemos;
- Implicar os sujeitos da educação com a solução ou melhoria desses problemas e conflitos através de processos de ensino-aprendizagem, formais ou não formais, que preconizem a construção significativa de conhecimentos e a formação de uma cidadania ambiental;
- Atuar no cotidiano escolar e não escolar, provocando novas questões, situações de aprendizagem e desafios para a participação na resolução de problemas, buscando articular escola com os ambientes locais e regionais onde estão inseridas;
- Construir processos de aprendizagem significativa, conectando a experiência e os

---

repertórios já existentes com questões e experiências que possam gerar novos conceitos e significados para quem se abre à aventura de compreender e se deixar surpreender pelo mundo que o cerca;

- Situar o educador como, sobretudo, um mediador de relações socioeducativas, coordenador de ações, pesquisas e reflexões — escolares e/ou comunitárias — que oportunizem novos processos de aprendizagens sociais, individuais e institucionais.

Garrido e Meirelles (2014), citando Reigota, Guimarães e Loureiro, consideram como educação ambiental crítica:

[...] uma educação política, pelo fato de estar preocupada em promover a cidadania, a liberdade e a autonomia, proporcionando, aos indivíduos, a possibilidade de fazer escolhas, intervir e transformar sua realidade na busca de uma sociedade democrática, justa e igualitária para todos. (GARRIDO; MEIRELLES, 2014, p. 675)

“Outros autores concordam com Loureiro quando assumem que os paradigmas que regem nossa sociedade e que focam sua compreensão na parte, e não no todo, são os desencadeadores da crise ambiental que vivemos hoje” (BRÜGGER; GUIMARÃES; REIGOTA *apud* GARRIDO; MEIRELLES, 2014, p. 675).

A educação, o meio ambiente e a saúde também devem fazer parte das rotinas escolares. Bons hábitos de higiene salvam vidas, principalmente em épocas pandêmicas como a da COVID-19. Elas devem caminhar juntas. No decorrer dos anos se fez necessário repensar a forma como esses três aspectos eram vistos. Pensava-se que o ambiente era só o ambiente físico e seus arredores.

Atuar no ambiente significa compreender o espaço onde se dão as relações entre os homens no seu cotidiano. Ambiente, aqui entendido como ambiente de vida, extrapola a visão reducionista que o concebe apenas em seu aspecto físico, nas relações com a natureza [...] Pensar o homem em suas múltiplas dimensões em relação com os outros elementos do seu ecossistema é pensar no seu ambiente de vida cotidianizada, é compreendê-lo em seu mundo de relações biofísicas, sociais, emocionais, de amor, estima e autodeterminação (HOMEM D’EL REY, p. 8)

É importante que as escolas promovam ações educativas em relação ao meio ambiente e à saúde, pois os alunos necessitam estar com a saúde física, mental e

---

emocional, além dos hábitos culturais, bem estruturados, para que se adaptem às constantes mudanças que possam ocorrer de forma global e para que haja um bom desenvolvimento escolar. Vale ressaltar que tal suporte deve ser uma educação continuada que englobe a família, a área médica e a área da educação, com aulas e o desenvolvimento de palestras, rodas de conversas e reuniões. (BRASIL, 2018)

Convém mencionar, ainda, que através da Base Nacional Comum Curricular- BNCC - (BRASIL, 2018), a educação, o meio ambiente e a saúde ganham um certo destaque, mostrando a importância do tema para a formação dos alunos em relação aos cuidados com o corpo, a nutrição, a higiene pessoal, a luta e a compreensão dos direitos humanos e direitos à saúde. É dever do poder público cuidar e criar políticas públicas que favorecem a melhoria da qualidade de vida da população, promovendo e dando suporte à sociedade, comunidade escolar e aos cidadãos brasileiros.

A BNCC - (BRASIL, 2018), trabalha o meio ambiente de forma superficial, sendo que a unidade temática que aborda conceitos e aprendizados importantes é o da matéria e energia, nos quais os alunos aprendem as características dos materiais no 1º ano. No 2º ano a discussão esta proposta como objeto de conhecimento a propriedade e usos dos materiais, classifica-los como : metal, vidro, plásticos, alumínio e etc, ou seja, produtos que fazem parte do cotidiano urbano e rural quando se trata de consumo doméstico. Sendo que a habilidade (EF02CI02) propõe que o professor ensine ao aluno características no que tange flexibilidade, dureza, cor, transparência dos materiais.

No 3º o professor precisa ter conhecimentos mais apurados para planejar e propor aulas com conteúdos que façam conexão com o que é proposto pela BNCC. Principalmente, nos objetos de conhecimento produção de som, efeitos de luz nos materiais, saúde auditiva e visual, sendo que tais temas podem ser trabalhados no meio ambiente. Exemplo: poluição sonora, ambiental, visual, reflectância e etc.

Voltado ao 4º ano, a unidade temática vida e evolução, traz objetos de estudos voltados ao meio ambiente, como: cadeia alimentar, fungos e bactérias, componentes vivos e não vivos do meio ambiente.

No 5º ano, já podemos perceber um trabalho mais sistemático e abrangente com a unidade temática matéria e energia, que engloba vários objetos de conhecimento

---

como: propriedades físicas dos materiais, ciclo hidrológico, consumo consciente e reciclagem.

O despertar da construção do conhecimento necessita que tais conteúdos e habilidades sejam lecionados efetivamente pelos professores nas séries iniciais do Ensino Fundamental I, pois contribuem para uma formação e preservação ambiental que possa fazer frente ao vivido no mundo contemporâneo.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Os avanços tecnológicos associados ao capitalismo produziram uma série de efeitos nocivos ao meio ambiente. Nesse sentido, costuma-se dizer que o ser humano, em busca de lucros e enviesado pelo consumo, está destruindo o seu próprio lar, já que, nessas práticas, parece não levar em consideração os recursos naturais que são empregados e os resíduos que são produzidos no caminho, maculando a paisagem ambiental. A Organização das Nações Unidas inclusive pontuou que essa postura consiste em uma atitude suicida, já que, na busca desenfreada pelo progresso, o homem se esquece que aquilo que devasta ou destrói é o que constitui o alicerce de sua vida (e da vida de outras espécies) no planeta.

À vista disso, e considerando que é a infância o melhor momento para preparar o sujeito para o cuidado com o mundo (ARENDETT, 1957/2014), haja vista que é nessa fase que vemos uma maior abertura para a aprendizagem, uma das saídas para a degradação da natureza é a construção de conhecimento na educação ambiental. Essa que consiste em um processo de formação de um agente crítico transformador da realidade a partir de estratégias de desenvolvimento sustentável, enfrenta uma série de dificuldades na atualidade, dentre elas a resistência de uma educação mais conservadora, pautada em ideais capitalistas, e o despreparo das escolas, incluindo o professor, nessa forma de educar.

Nesse sentido, este artigo buscou demarcar a importância da educação ambiental sobretudo para as crianças inseridas nos primeiros anos do fundamental, porém, sem desconsiderar os desafios que essa educação enfrenta. Embora seja um processo educativo que esteja patinando, ela nos parece, por enquanto, uma das únicas

---

expectativas de um futuro sustentável. Contudo, não nos fechamos a essa perspectiva, e a proposta que fazemos é de refletir, para além de estratégias de desenvolvimento da educação ambiental, sobre estratégias outras de preservação do meio ambiente.

## REFERÊNCIAS

ARENDDT, Hannah. A crise na educação. *In*: ARENDT, Hannah. **Entre o passado e o futuro**. 7. ed. São Paulo: Perspectiva, 1957/2014, p. 221–247.

BARBOSA, José Aécio Alves *et al.* Breves considerações críticas sobre a sustentabilidade no cenário socioeconômico e comportamental na atualidade. **Âmbito Jurídico**, São Paulo, n. 119. Disponível em: <<https://ambitojuridico.com.br/cadernos/direito-ambiental/breves-consideracoes-criticas-sobre-a-sustentabilidade-no-cenario-socioeconomico-e-comportamental-na-atualidade/>>. Acesso em: 8 abril. 2021.

BAUDRILLARD, Jean. **A sociedade de consumo**. Rio de Janeiro: Elfos; Lisboa: Edições 70, 1970/1995.

BONOTTO, Dalva Maria Bianchini. Educação ambiental e educação em valores em um programa de formação docente. **Revista Electrónica de Enseñanza de las Ciencias**, v. 7, n. 2, p. 313–336, 2008. Disponível em: <[http://reec.uvigo.es/volumenes/volumen7/ART3\\_Vol7\\_N2.pdf](http://reec.uvigo.es/volumenes/volumen7/ART3_Vol7_N2.pdf)>. Acesso em: 20 abril. 2021.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília: Senado Federal, 1988/2016. Disponível em: <[https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/518231/CF88\\_Livro\\_EC91\\_2016.pdf](https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/518231/CF88_Livro_EC91_2016.pdf)>. Acesso em: 24 abril. 2021.

BRASIL. Lei n. 9.795/1999. *In*: SENADO FEDERAL. **Educação ambiental**. Brasília: Senado Federal, 1999/2015. Disponível em: <[https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/509141/educacao\\_ambiental\\_1ed.pdf](https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/509141/educacao_ambiental_1ed.pdf)>. Acesso em: 5 maio. 2021.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018. Disponível em: <[http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC\\_EI\\_EF\\_110518\\_versaofinal\\_site.pdf](http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf)>. Acesso em: 10 maio. 2021.

---

BRIGGS, Helen. Destruição da natureza pelo homem tem ritmo “catastrófico”: a dura advertência de cientistas. **BBC News Brasil**, 10 set. 2020. Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/geral-54102384>>. Acesso em: 16 maio. 2021.

CABRAL, Hélio Ricardo Moraes. **Moderno dicionário de Economia**. Joinville: Clube de Autores, 2019.

CARVALHO, Isabel. Educação ambiental crítica: nomes e endereçamentos da educação. **Identidades da Educação Ambiental Brasileira**, Brasília, p. 15–26, 2004.

CÓRDULA, Eduardo Beltrão de Lucena; NASCIMENTO, Glória Cristina Cornélio do. A hermenêutica do meio ambiente: concepções, percepções e problemas. **Educação Ambiental em Ação**, v. 13, n. 49. Disponível em: <<https://www.revistaea.org/artigo.php?idartigo=1848>>. Acesso em: 21 maio. 2021.

COMISSÃO MUNDIAL SOBRE MEIO AMBIENTE E DESENVOLVIMENTO. **Nosso futuro comum**. 2. ed. Rio de Janeiro: FGV, 1987/1991.

FORTI, Vanessa. O crescimento do lixo eletrônico e suas implicações globais. **Panorama Setorial da Internet**, v. 11, n. 4, dez. 2019. Disponível em: <<https://www.cetic.br/media/docs/publicacoes/6/20191217174403/panorama-setorial-xi-4-lixo-eletronico-atualizado.pdf>>. Acesso em: 9 jun. 2021.

FREUD, Sigmund. **A interpretação dos sonhos**. Rio de Janeiro: Imago, 1900/2001.

GARRIDO, Luciana; MEIRELLES, Rosane. Percepção sobre meio ambiente por alunos das séries iniciais do Ensino Fundamental: considerações à luz de Marx e de Paulo Freire. **Ciência e Educação**, Bauru, v. 20, n. 3, p. 671–685, 2014.

HOMEM D’EL REY, Denise César. Relatório de atividades: pesquisador visitante CNPq. Rio de Janeiro, 1991.

MACEDO, Neusa Dias de. **Iniciação à pesquisa bibliográfica**. 2. ed. São Paulo: Edições Loyola, 1994.

MACHADO, Ailton Cavalcante; TERAN, Augusto Fachín. Educação ambiental: desafios e possibilidades no ensino fundamental nas escolas públicas. **Educação Ambiental em Ação**, v. 17, n. 66, 2018. Disponível em: <<https://www.revistaea.org/artigo.php?idartigo=3522>>. Acesso em: 12 jun. 2021.

---

MARX, Karl. O trabalho alienado. *In*: MARX, Karl. **Economia política e filosofia**. Rio de Janeiro: Melso, 1963, p. 317–340.

MILARÉ, Édís. Direito do ambiente. **Revista dos Tribunais**, São Paulo, p. 166–170, 2011. MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2018. Disponível em: <[http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC\\_EI\\_EF\\_110518\\_versaofinal\\_site.pdf](http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf)>. Acesso em: 14 jun. 2021.

MONTENEGRO, Marcelo. Brasil em chamas: tragédia ou crime ambiental? **Heinrich-Böll-Stiftung**, Rio de Janeiro, 6 out. 2020. Disponível em: <<https://br.boell.org/pt-br/2020/10/06/brasil-em-chamas-tragedia-ou-crime-ambiental>>. Acesso em: 15 jun. 2021.

NOGUEIRA, Eduardo de Faria; MANSANO, Sonia Regina Vargas. Da *glamourização* do consumo à produção de lixo: um debate necessário. *In*: ENCONTRO DE PESQUISA EM COMUNICAÇÃO, 8, 2016, Curitiba. **Anais...** Curitiba: UFPR, 2016. Disponível em: <<https://eventos.ufpr.br/enpecom/enpecom2016/paper/downloadSuppFile/216/91>>. Acesso em: 18 maio 2021.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

NÓVOA, Antônio. Formação de professores e profissão docente. *In*: NÓVOA, Antônio (org.). **Os professores e sua formação**. Lisboa: Dom Quixote, 1992, p. 15–33.

PEZZI, Sílvia Vanti. **O papel das políticas públicas municipais para a construção de um ecoambiente: desafios e perspectivas** (uma análise da cidade de Caxias do Sul — RS). 2010. 222 f. Dissertação (Mestrado em Direito) — Universidade de Caxias do Sul, Caxias do Sul, 2010. Disponível em: <[https://repositorio.ucs.br/xmlui/bitstream/handle/11338/557/Dissertacao Silvia Vanti Pezzi.pdf](https://repositorio.ucs.br/xmlui/bitstream/handle/11338/557/Dissertacao%20Silvia%20Vanti%20Pezzi.pdf)>. Acesso em: 9 jun. 2021.

PINHO, Cristiane Rodrigues de Oliveira. **Educação ambiental no âmbito escolar: práticas e desafios sob o olhar docente**. 2014. 47 f. Monografia (Bacharelado em Geografia) — Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2014. Disponível em: <<https://repositorio.ufpb.br/jspui/bitstream/123456789/813/1/CROP02102014.pdf>>. Acesso em: 9 jun. 2021.

PINOTTI, Rafael. **Educação ambiental para o século XXI: no Brasil e no mundo**. São Paulo: Blucher, 2010.

---

QUINTAS, José Silva. Educação no processo de gestão ambiental: uma proposta de educação ambiental transformadora e emancipatória. *In*: LAYRARGUES, Philippe Pomier (org.). **Identidades da educação ambiental brasileira**. Brasília: Ministério do Meio Ambiente, 2004, p. 113–140.

REIGOTA, Marcos. **O que é educação ambiental**. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 2009.

SEGURA, Denise de Souza Baena. **Educação ambiental na escola pública: da curiosidade ingênua à consciência crítica**. São Paulo: Annablume, 2001.

SOUZA, Débora Aparecida de *et al.* O óleo nosso de cada dia: uma reflexão a partir de um projeto que chega à escola. *In*: BONOTTO, Dalva Maria Bianchini; CARVALHO, Maria Bernadete Sarti da Silva (orgs.). **Educação ambiental e valores na escola: buscando espaços, investindo em novos tempos**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2016, p. 27–44.

TUFFANI, Maurício. Meio ambiente brasileiro: com um triste balanço em 2020, como resgatar 2021? **Direito da Ciência**, 19 dez. 2020. Disponível em: <<https://www.diretodaciencia.com/2020/12/19/meio-ambiente-brasileiro-com-um-triste-balanco-em-2020-como-resgatar-2021/>>. Acesso em: 9 jun. 2021.

RODRIGUES, Uilmer. Redes de produção e circuitos espaciais na indústria de reciclagem fluminense. 1. ed. São Paulo: Paco Editorial, 2021. v. 1. 229p .

VIGOTSKY, Lev Semionovitch. **Pensamento e linguagem**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

VIGOTSKI, L. S. A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos superiores. 2. Ed. brasileira. São Paulo: Martins Fontes, 1988. 168 p.

WEB-RESOL. Estatísticas sobre o lixo brasileiro. **WEB-RESOL**, jan. 2014. Disponível em: <<http://www.resol.com.br/curiosidades/curiosidades2.php?id=4040>>. Acesso em: 9 jun. 2021.

WELLE, Deutsche. Destruição da natureza pelos humanos é suicida, alerta ONU. **O Globo**, 18 fev. 2021. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/epoca/brasil/destruicao-da-natureza-pelos-humanos-suicida-alerta-onu-24888606>>. Acesso em: 9 jun. 2021.

ZANIRATO, Sílvia Helena; ROTONDARO, Tatiana. Consumo, um dos dilemas da sustentabilidade. **Estudos Avançados**, São Paulo, v. 30, n. 88, p. 77–92, 2016.

---

**Kely Terezinha Pinto França** - Formada em Normal Superior pela Universidade Estadual de Montes Claros - Unimontes (2005), Pós-graduada Em psicopedagogia pela Faculdade Asa de Brumadinho - (2007). Pós-graduada em Supervisão Escolar pela Faculdade do Norte de Minas Gerais - FINOM (2009). Pós-graduada em Educação Infantil e Libras Pela Famart. Professora de Educação Infantil na Escola Maria Coeli Afonso do Município de Brumadinho - (1995 a atualmente) e Especialista em Educação Escola Estadual Paulina Aluotto Ferreira da Secretaria de Estado de Educação de Minas Gerais - (2018 - a atualmente). Diretora de Ensino da Prefeitura Municipal de Brumadinho por 4 anos - (2012 a 2016). Professora na Escola Privada de Ensino - SEMEAR - (2002 - 2012).

---

Recebido para publicação em 15 de abril de 2022.

Aceito para publicação em 24 de agosto de 2022.

Publicado em 31 de Agosto de 2022.